



A RUA É UMA FESTA: CAPOEIRA E TERRITORIALIDADES NEGRAS NAS FESTIVIDADES EM FEIRA DE SANTANA (1970-1985)

THE STREET IS A PARTY: CAPOEIRA AND BLACK TERRITORIALITIES IN THE FESTIVITIES IN FEIRA DE SANTANA (1970-1985)

Denise de Almeida Oliveira. Graduada em História pela História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora de Yoga (UEFS-CUCA).

denisechoes@gmail.com

Luís Vitor Castro Júnior. Professor titular-pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/DSAU). Coordenador do Grupo de Pesquisa e Extensão “Artes do Corpo: Memória, Imagem e Imaginário”.

axevisor@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta e analisa as práticas corporais dos capoeiristas nas ruas de Feira de Santana, entre as décadas de 1970 e 1980, como um espaço festivo, usufruído por diversas manifestações culturais negras, sobretudo a capoeira. As rodas de capoeira aconteciam tanto de maneira “espontânea”, através do ajuntamento de capoeiristas que se encontravam nas ruas, como também havia a contratação de grupos culturais por parte da Secretaria de Turismo (SETUR), como o Grupo Folclórico Angoleiros de Feira, liderado pelo Mestre Muritiba. Para tanto, inter cruzamos as fontes oral, fotográfica e o jornal Feira do Norte.

ABSTRACT

This article presents and analyzes the corporal practices of capoeiristas in the streets of Feira de Santana, between the 1970s and 1980s, as a festive space, enjoyed by various black cultural manifestations, especially capoeira. The capoeira circles took place both in a “spontaneous” way, through the gathering of capoeiristas who found themselves in the streets, as well as the hiring of cultural groups by the Secretariat of Tourism (SETUR), such as the Folkloric Group Angoleiros de Feira, led by by Mestre Muritiba. For that, we intersected the oral and photographic sources and the Feira do Norte newspaper. Through Oral History, the narratives of Mestres de Capoeira in their

Por intermédio da História Oral, revelaram-se as narrativas dos Mestres de Capoeira em suas participações nos eventos festivos. Além disso, o uso da imagem fotográfica permitiu ampliar os horizontes da capoeira enredada e trançada às outras práticas culturais afrodiáspóricas. No texto, a rua é compreendida como um território de interlocução, de irradiação e sedução da cultura negra. Ela é o lugar de enunciação das práticas culturais, como também um espaço de disputa, visibilidade e continuidade das práticas da capoeira.

Palavras-chave: capoeira; festas populares; Feira de Santana.

participation in festive events were revealed. In addition, the use of photographic image allowed expanding the horizons of capoeira entangled and braided to other Afrodiasporic cultural practices. In the text, the street is understood as a territory of dialogue, irradiation and seduction of black culture. It is the place of enunciation of cultural practices, as well as a space for dispute, visibility and continuity of capoeira practices.

Keywords: capoeira; popular parties; Feira de Santana.

1 INTRODUÇÃO

O desafio do texto é analisar o espaço da rua como lugar de produção de saberes, onde os Mestres de Capoeira e mulheres negras (as baianas) ocuparam esse espaço-momento das festas populares para manifestarem as expressões culturais negras. Isso favoreceu a formação de novas territorialidades que irradiam os elementos estéticos-políticos da capoeira e ritos de matrizes afrodiáspóricas, dando visibilidade e continuidade às práticas historicamente subalternizadas, além de revelar as experiências festivas, nas quais a população negra da cidade assume um papel de protagonista da história, através de sua arte de dançar, jogar, cantar, batucar, lutar e festejar.

A pesquisa trafega pelas ruas, vielas e feiras da História Oral¹ como caminho de pesquisa possível de trazer à tona as memórias dos Mestres de

¹ Estamos em consonância com Porteli (2017, p. 184), ao caracterizar o entendimento sobre História Oral: é uma arte, além da de escutar, de relação: da relação entre a pessoa entrevistada e a pessoa que entrevista (diálogo); a relação entre o presente sobre o qual se fala e o passado
Revista inCORPORAÇÃO, V.1, nº 01, 2023, Feira de Santana, p. 100-122.
<http://periodicos.uefs.br/index.php/incorporacao/index>

Capoeiras, entrevistados em 2020, a saber: Antônio Conceição Ferreira² (Mestre Bigode), Francisco Oliveira³ (Mestre Cabelo Bom), Gerson de Jesus Cruz⁴ (Mestre Kel) e Agostinho de Jesus Amorim⁵ (Mestre Ceguinho).

No que tange às fontes fotográficas, enveredamos nas interfaces entre história e fotografia, estabelecendo um diálogo do uso de fotografia como fonte histórica que nos permite traçar uma composição de conhecimento histórico, por intermédio da fotografia. Diante das diversas abordagens de análise fotográfica, as pesquisas de Ana Maud apresentam possibilidades de redimensionar a fotografia como:

do qual se fala (memória); a relação entre o público e o privado, a autobiografia e a história; a relação entre oralidade (da fonte) e escrita (do historiador).

² Sobre Antônio Conceição Ferreira: “Mestre Bigode nasceu em 1952, no interior de Feira de Santana, em uma zona rural próxima ao KM 7, nas proximidades do rio Jacuípe. Conheceu a capoeira ainda menino nas andanças com a mãe, na famosa festa de Sant’Ana, onde viu a apresentação do grupo do Mestre Muritiba, e se encantou, buscou a capoeira e começou a fazer aulas com o Mestre Raimundo Nonato no quintal da residência do saudoso mestre. Foi responsável por colocar a capoeira dentro do Mercado de Arte em 1970. Bigode foi formado Mestre, deu aulas de capoeira no SESI e escolas, também criou sua sede no bairro Feira X e deu nome ‘Grupo de Capoeira Onda da Maré’. Também desenvolveu trabalho no Viveiros, através do Programa da Fazenda do Menor. Hoje tem alunos que desenvolvem trabalho em outras cidades” (OLIVEIRA, 2022, p. 30).

³ Sobre Francisco Oliveira: “nasceu em Governador Valadares, interior de Minas Gerais, em 1955. Chegou em Feira de Santana ainda garoto quando conheceu o Mestre Muritiba do Grupo Folclórico Angoleiros de Feira através de um colega que o levou até a sede do grupo para conhecer a capoeira. Francisco recebeu o apelido de ‘Cabelo Bom’ do Mestre Muritiba e passou a treinar e acompanhar o grupo em todas as apresentações até meados da década de 1990. Mestre Cabelo Bom criou o grupo Acadêmicos de Capoeira Quilombo dos Palmares, e desenvolveu trabalho em várias escolas de diversos bairros em Feira de Santana. É responsável por carregar a tradição do segura-a-veia e outras práticas culturais do Folclórico Angoleiros de Feira. Hoje tem alunos formados e contra-mestres que desenvolvem trabalhos em Feira e em outras cidades” (OLIVEIRA, 2022, p. 30).

⁴ Sobre Gerson de Jesus Cruz: “conhecido no mundo da capoeira como Mestre Kel, nasceu em Feira de Santana em 1966, começou capoeira ainda adolescente, quando conheceu as rodas que aconteciam nas ruas da cidade, durante as festividades de Nossa Senhora Sant’Ana. Passou a treinar com o saudoso Mestre Nonato, que o formou Mestre. Mestre Kel fundou o próprio grupo denominado ‘Pavão Dourado’, onde desenvolve trabalho junto à família e discípulos no bairro Tomba há cerca de 30 anos. Mestre Kel tem experiência de aulas com crianças com deficiência no Centro Crescer Cidadão há mais de dez anos, onde ministra aulas de capoeira, maculelê e samba de roda” (OLIVEIRA, 2022, p. 30-31).

⁵ Sobre Agostinho de Jesus Amorim: “Mestre Ceguinho, nasceu em Santa Bárbara, em 1959, mudou-se para Feira de Santana ainda garoto, viveu durante muito tempo em situação de rua. Começou a capoeira aos oito anos de idade com o Mestre Nel, que faleceu, depois foi treinar com o Mestre Alfredo, que também faleceu, até encontrar com o Mestre Muritiba com quem teve aprendizagem de muitos anos. Alguns anos depois, o Mestre Ceguinho, já experiente de capoeira, vai morar em Salvador, onde conheceu diversos capoeiristas em situação de rua com quem fazia apresentações no Pelourinho e dividia a comida que ganhavam dos turistas. Depois de voltar pra Feira de Santana funda seu primeiro grupo chamado ‘Origem Negra’, que desenvolveu trabalhos no bairro CASEB, depois passou a dar aulas de maneira particular para alunos que estão buscando formação” (OLIVEIRA, 2022, p. 31).

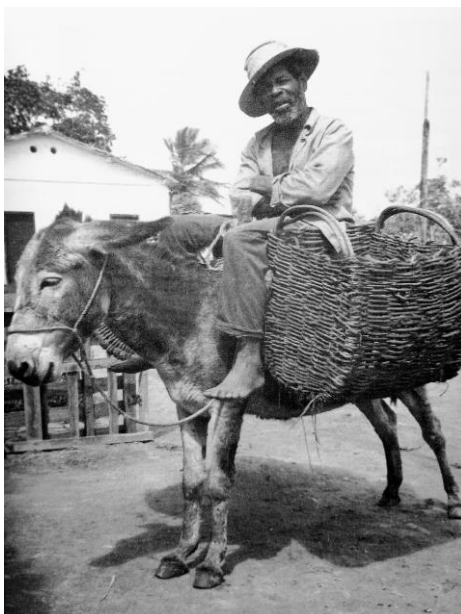
resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem, que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sógnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem. Estabelecem-se, assim, não apenas uma relação sintagmática, à medida em que veicula um significado organizado, segundo as regras da produção de sentido nas linguagens não-verbais, mas também uma relação paradigmática, pois a representação final é sempre uma escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis (MAUD, 1996. p. 7).

Dessa maneira, o esforço de interpretar as fotografias considerou algumas unidades culturais da imagem fotográfica para identificar as pessoas, os lugares, a linguagem visual, os elementos estéticos, os enunciados subjacentes na fotografia, entre outros. Foram selecionadas seis fotografias do ilustre fotógrafo Antônio Magalhães⁶ e uma fotografia do arquivo pessoal do Mestre Kel.

2 PELAS RUAS, QUINTAIS, QUEBRADAS E VIELAS DE FEIRA DE SANTANA

Figura 01: Vendedor ambulante, 1968

⁶ Sobre Antônio Magalhães: “jornalista e fotógrafo documental, de Lafaiete, Minas Gerais, nascido em 1935, residiu no Rio de Janeiro, onde cursou o Liceu das Artes e trabalhou com fotografia social, e chegou em Feira de Santana em 1964. A partir de 1968, passou a atuar como fotojornalista no Jornal Diário de Notícias, também trabalhou no Jornal A Tarde (antigo Jornal da Bahia) e é considerado o primeiro repórter fotográfico de Feira de Santana. É responsável por inúmeros registros civis, políticos e culturais da cidade durante décadas (que serão usados neste trabalho como fonte histórica) e possui o maior arquivo fotográfico da história de Feira de Santana, e o segundo maior da Bahia, hoje sob posse de sua família. Foi um dos fundadores do extinto Jornal Feira Hoje, que também será fonte dessa pesquisa, do Observatório Astronômico Antares e do Sindicato dos Fotógrafos de Feira de Santana” (OLIVEIRA, 2022, p. 31).



Fonte: Magalhães, (2009).

Acima vemos um registro do saudoso fotógrafo e jornalista Antônio Magalhães, que é responsável por inúmeros registros cotidianos e eventuais da cidade de Feira de Santana desde o final da década de 1960. Nesta fotografia (Figura 01), observamos o típico trabalhador rural de Feira de Santana. Montado em um jegue com cangaia e caçuá, onde carregava também alimentos da roça pra vender na feira em 1968. Embora a fotografia enuncie características rurais, a cidade passa por significativas transformações no espaço urbano, com o surgimento de novas avenidas, realocação do espaço da feira e o surgimento do Centro Industrial do Subaé ⁷ (CIS).

Essa representação comum também é trazida na narrativa do Mestre Bigode, nascido na zona rural, nas proximidades do Rio Jacuípe, no KM 7, em 1952, e nos conta:

minha mãe criava animal, criava burro, aí botava um material nas costas, e eu montava no meio da cangaia e seguia mais ela. Aí, quando chegava na rua, ela botava os negócios dela para vender e eu ficava sentadinho na beira dela, conto, não sabia andar era tudo, não sabia andar, ficava ali sentado (MESTRE BIGODE, 2020).

⁷ De acordo com Freitas, o “Centro Industrial do Subaé é outro elemento marcante na formação territorial. Criado através da Lei Municipal nº 690, em 14 de Dezembro de 1970, é constituído por dois distritos industriais, um deles instalado no Bairro do Tomba, área que se situa na parte sul da cidade e é responsável pelo acesso à BR 101; e o outro, às margens da BR 324, em contato direto com a capital; ocupa, portanto, Feira de Santana uma posição privilegiada, pois, além de ser considerado o maior entroncamento rodoviário do Norte-Nordeste do país, é o único município que, não sendo capital, detém um centro industrial de médio porte” (FREITAS, 2010, p. 129).

Foi em um desses momentos de feira livre, nas proximidades da tão famosa Micareta, que o Mestre Bigode conheceu a capoeira: “*vi a capoeira do cara chamado Muritiba. Aí eu vi os aluno dele chegava, chegava com aqueles feixe de madeira, apresentava maculelê, apresentava a capoeira, apresentava samba de roda e eu vi e gostei*”. Esses atravessamentos culturais das ruas mudaram a vida de diversos transeuntes, que foram ao encontro da capoeira, como o Mestre Bigode, que se encantou tanto com a prática, que comentou com um colega que também assistia: “*ô rapaz, aquele negócio é bonito, eu gostei muito dessa capoeira, o que é que eu faço para eu aprender?*” O colega respondeu que o levaria em um mestre de capoeira que conhecia, e assim foi feito. “Chegando à casa do saudoso Mestre Raimundo Nonato, ele me perguntou: ‘Você tem vontade de aprender a capoeira?’ Eu disse: eu tenho. Ele disse: ‘eu lhe ensino capoeira’” (MESTRE BIGODE, 2020).

O mestre Bigode saía de casa escondido de sua mãe, com medo de que ela o proibisse da prática. Combinava com mais outros colegas das proximidades para não ir sozinho; andavam vários quilômetros de sua localidade até à casa do Mestre Nonato, com o intuito de aprenderem a capoeira. Nessas encruzilhadas da capoeira, produzem-se territórios de manutenção e irradiação de práticas culturais negras, que estão além do espaço como um demarcador geográfico, mas como um campo simbólico de significações que atravessa diversos lugares, corpos e paisagens, que transita e que se expande.

Esses impactos produzidos pelas territorialidades negras, sobretudo relacionados à capoeiragem em Feira de Santana, trazem as ruas da cidade como campo de visibilidade e interlocução entre os agentes culturais e os diversos corpos que transitavam o espaço urbano, e que também participavam dessas experiências. Esses canais de comunicação sutil acessados através da capoeira nos espaços urbanos se difundem além das intenções de quererem fazer parte daquilo que os seduz, “nesse contexto, muitas vezes o indivíduo não participa diretamente de um grupo criativo, mas ainda assim é atravessado por suas irradiações de sentido, sua força, podendo ser conduzido à mesma impulsão de jogo” (SODRÉ, 2002, p. 162). O Mestre Cabelo Bom, discípulo do Mestre Muritiba, ao falar sobre as rodas de capoeira, recorda-se do ajuntamento

de pessoas que se seduziam pelo som da bateria e da movimentação dos corpos-capoeira:

Tinha que parar aquela roda para que os pessoal que vinha do sertão, da roça fazer feira no centro de abastecimento, aí sair para poder cuidar dos seus que fazer, fazer suas feirinha para retornar pro interior, aos vilarejos, o recôncavo, aí eu tinha que fazer, porque entendia, né, que tinha que também desocupar eles, para eles fazer suas obrigações, porque eles entertia na capoeira, achava bonito, tinha gente que ficava no meio da roda o povão a... a roda super lotada, dançando, parecendo que tava dançando uma música, mas é o som da capoeira que mexe com o espírito, com o corpo e com a alma do pessoal. Aquilo é bonito, aquilo é contagioso, é muito lindo, é capoeira, é demais! Só quem não gosta da capoeira, não tem como, aquele que não sabe a capoeira, quando ele vê o som do berimbau... berimbau chama demais (MESTRE CABELO BOM, 2020).

Esse *corpo-capoeira*, conceito trazido por Castro Junior (2014), como um lugar de experiência no mundo, um deslocamento que atinge diretamente a maneira de como o corpo transita nos centros e periferias, perfura, expande, contrai, desvia, cria novas rotas, cartografias e recria constantemente sua realidade espacialmente. Corpo que combate, que resiste, que dança, que performa, constituindo um território pluridimensional. A sonoridade possibilita a magia do acontecimento, como todos os espaços em que a cultura negra se faz presente, como condução possível naquele momento de reversibilidade, pois “a magia e a música partilham a mesma linguagem, a mesma ausência de significação, a mesma pluralidade de espaços” (SODRÉ, 1983, p. 181).

As ruas de Feira de Santana entre as décadas de 1970 e 1980 são também um espaço festivo, usufruído por manifestações culturais, religiosas e pela população brincante que faziam do calendário de Feira de Santana uma efervescência. Segundo Oliveira (2016), intituladas de “ciclos das festas populares”, as festividades iniciavam em novembro, com a festa de louvor a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, padroeira do bairro do Tomba; em dezembro, acontecia a festa de Santa Bárbara, padroeira do Centro de Abastecimento. Em seguida, vinham as comemorações do Natal e do “Réveillon na Praça”, no bairro da Kalilândia, e logo depois dos festejos ao Senhor do Bonfim, padroeiro do bairro do Cruzeiro, “encerrando o ciclo de festas populares com a mais pomposa de todas” (OLIVEIRA, 2016, p. 162), a festa de Senhora Sant’Ana, a padroeira do município, durante o mês de janeiro, com concentração no Centro da Cidade, na Praça da Igreja Matriz.

Mestre Kel traça um roteiro do seu percurso como capoeira na cidade, trazendo com tanta intensidade a ordem dos acontecimentos, que parece ser um único evento:

Eu saía escondido e ia para Matriz; chegava na Matriz, na Lavagem, roda de capoeira e outras modalidades, e aí tinha festa na Kalilândia, eu fugia de novo escondido e me intocava para ninguém saber que eu saía. E aí ficava capoeira na Kalilândia, Matriz, Jardim da Paquera, passava no fundo do CUCA, descia baixo onde tem aqueles ferros vei, subia para passar na frente da prefeitura para vim da Matriz. Chegava na matriz, o pessoal se espalhava: todo mundo, o pessoal levava as coisas típica da época pra vender. Aí se espalhavam todo mundo. Aí roda de capoeira num lado, os cavalo andando no outro, as baiana do outro, samba de roda comendo no centro, e aí todo mundo se espalhavam. E aí não tinha horário de acabar... quando ia acabar, era lá para quatro e meia horas da manhã, todo mundo à vontade, você não via confusão, você não via nada, era todo mundo se divertindo. (MESTRE KEL, 2020).

As localidades mencionadas, como “Kalilândia”, “Praça da Paquera” e “Matriz”, têm relação com diferentes eventos e temporalidades, que se intensificam na memória do narrador que relembra com vivacidade a presença da capoeira nessas festividades. Ainda sobre a festa da Kalilândia, encontramos uma notícia do Jornal Folha do Norte de 25 de dezembro de 1971, na “Coluna do Quente”, do redator Zito, cujo título denuncia: “Kalilândia pega fogo”.

Desde as primeiras horas da noite de ontem, que o bairro da Kalilândia está pegando fogo. O incêndio é todo diferente, causado por afoxés, escolas de samba, filarmônicas, capoeira, bumba meu boi e etc., atingindo centenas e mais centenas de pessoas que tentam imitar o homem do corpo de bombeiros (FOLHA DO NORTE, 1971, p. 08).

Essa jocosidade para tratar da animação dos festejos de final de ano nos permite mapear a presença dos grupos culturais negros, como as escolas de samba, os afoxés e a capoeira. A presença do bumba-meu-boi e da capoeira denuncia a provável participação do Mestre Muritiba e de seu grupo cultural, que é trazida de maneira mais evidente através da notícia do mesmo jornal, em 22 de dezembro de 1979, que relata sobre a programação: “amanhã e domingo, durante as noites, haverá apresentação de números folclóricos como maculelê, samba de roda e capoeira, a cargo do grupo Angoleiros de Feira” (FOLHA DO NORTE, 1979, p. 03). O saudoso Mestre Ceguinho também relata:

A roda de capoeira do finado mestre Muritiba, toda festa de largo, tava na Kalilândia, a gente tava, tinha que tá. Quando a roda de capoeira ia começar, por exemplo, sete horas da noite, nós tinha que tá lá três horas da tarde, para treinar, para depois do treino tomar banho lá no

fundo do Ali-Babá, e depois vestia a camisa, a calça era aqui ó, de listra (MESTRE CEGUINHO, 2020).

A fala do Mestre Ceguinho traz diversos elementos, como a sistematização de treinos, o espaço físico de realização das atividades e a padronização de uniforme, práticas que não eram tão comuns à capoeira durante a década de 1970. Os festejos do Senhor do Bonfim também são anunciados no Jornal Folha do Norte em janeiro de 1978, demonstrando os elementos populares que faziam parte, entre eles: “a capoeira, o samba de roda e o maculelê (FOLHA DO NORTE, 1978, p. 02). A Festa de Santa Bárbara, padroeira dos feirantes, que passou a acontecer no Centro de Abastecimento, é relatada pelo Jornal Feira Hoje em dezembro de 1979:

A banda da SETUR animou o festejo com sucessos carnavalescos e a participação do grupo do mestre Muritiba: O Grupo Folclórico Angoleiros de Feira também fez várias demonstrações de capoeira e animou o samba de roda. Por volta das doze horas, foi servido o caruru às pessoas que colaboraram na organização dos festejos e aos soldados do primeiro batalhão de polícia militar, responsável pelo policiamento no local. Enquanto isso, os populares que formavam extensas filas, reclamavam da demora na distribuição da comida que só começou a ser feita depois das 12:30. Conta que a festa prosseguiu por toda a tarde (FEIRA HOJE, 1979, p. 14).

Outra publicação do mesmo jornal, em 1980, fala sobre festividades em louvor a São José, padroeiro da comunidade rural São José. Entre as atrações, mais uma vez é mencionado o Grupo Folclórico Angoleiros de Feira do Mestre Muritiba (FEIRA HOJE, 1980).

O Mestre Cláudio também conta que sempre assistia à capoeira nos festejos populares em Feira de Santana: “*tinha a lavagem da Matriz, tinha festa do Tomba, tinha a festa da Kalilândia, tinha festa do Cruzeiro, tinha festa dos Capuchinhos*”, além de relatar também sobre a festa de Santa Bárbara no Centro de Abastecimento. A capoeira pulsava nas ruas festivas da cidade durante as décadas de 1970 e 1980, sobretudo na festa religiosa mais esperada: da padroeira da cidade, Senhora Sant’Ana.

3 “SANTANA É NANÃ”⁸ - A FESTA DE SENHORA SANT’ANA

⁸ Fragmento da ladainha de capoeira do Mestre Marrom. Longe de querer afirmar sobre o dito “sincretismo” religioso, o canto narra sobre o disfarce que os negros empreenderam para poder continuar cuidando de sua
Revista inCORPOrAÇÃO, V.1, nº 01, 2023, Feira de Santana, p. 100-122.
<http://periodicos.uefs.br/index.php/incorporacao/index>

O apogeu das festividades acontecia com a homenagem a Senhora Sant'Ana (Figura 02). Segundo Oliveira (2014), a organização dos festejos mobilizava toda a comunidade, seja na arrumação ou na montagem das fantasias, como na participação do bando anunciador, da lavagem da igreja, da levagem da lenha e da procissão de Sant'Ana. Durante a década de 1970 e meados de 1980, a Igreja Católica ficava responsável pela liturgia cristã; as baianas, representadas por mulheres de Candomblé, pela lavagem e levagem da lenha; a Setur organizava a programação cultural e fornecia apoio financeiro para atrações; enquanto o povo se apropriava e fluía em todos os espaços, ressignificando muitos deles, seja através de blocos, fantasias, performances e protestos.

Figura 02: Lavagem de Senhora Sant'Ana, em 1979



Fonte: Magalhães (2009).

Na fotografia acima, temos um pedaço do mosaico que constituía a festa de Senhora Sant'Ana: percebemos o percurso nas ruas, a presença de carros, de fantasiados, crianças, blocos, cartazes de protesto, como este da direita em que está escrito “custo de vida e inflação pegaram o salário mínimo e deixaram

ancestralidade. A ladainha diz bem no começo “o negro religioso dentro de casa traz seu congá, porém desde o cativeiro mudou de nome seu orixá”.

Revista inCORPORAÇÃO, V.1, nº 01, 2023, Feira de Santana, p. 100-122.
<http://periodicos.uefs.br/index.php/incorporacao/index>

nessa situação”. Notamos também, do lado esquerdo, acima, a presença das baianas, filhas de santo que iam a caráter para o cortejo e que eram responsáveis pela levagem da lenha e pela lavagem da frente da Igreja de Sant’Ana.

A multidão subjacente na imagem fotográfica disputando o espaço da rua com os automóveis revela as transitoriedades que ocorriam ao mesmo tempo: as intensidades das práticas diárias nos momentos festivos, a circulação dos adeptos de Nanã e/ou devotos de Senhora de Sant’Anna e os motoristas com os automóveis no sentido contrário. Toda essa dinâmica no ato festivo do cortejo ampliava a visibilidade das práticas corporais negras que assumiam o lugar de protagonistas, seja através das baianas, geralmente Yalorixás e/ou filhas de Santos, dos rapazes fazendo protesto, carregando andor, ou da presenças de crianças que brincavam, com as situações mais inusitadas.

A festa é esse lugar de efervescência do possível, do simulacro, da auspiciosidade. A festa, como pontua Castro Junior (2014, p. 55),

não é o tempo livre e nem o tempo disponível em oposição ao mundo do trabalho; o tempo da festa é a linha de fuga em que ocorre a produção de uma determinada cultura que, historicamente, utilizou-se desses dispositivos para mostrar sua arte de fazer: dançar, comer, namorar, jogar, beber e até mesmo brigar. Em consequência, às vezes, a festa se torna, para uma determinada visão de mundo, como: o ópio do povo, alienação, o pecado pelo não trabalho (“a quem trabalha Deus ajuda”) e “coisas de vagabundo”.

As festas populares são espaços de encontros de culturas, de territórios entrecruzados, de visibilidades possíveis para grupos que estão distantes geográfica ou socialmente, mas que na festa comungam como um possível lugar de encontro. O povo se apropria das ruas e se reinventa além do que foi projetado, individual ou coletivamente. Mas, o próprio corpo individual em meio à multidão traz uma consonância, um sentido em comum, de quem saiu de casa com o intuito de celebrar, de se divertir, de extrapolar o cotidiano.

O jornal Feira Hoje, em 26 de janeiro de 1979, traz essa efervescência do povo nas ruas da cidade:

A grande massa humana, ou melhor o povo, agitava-se de todos os lados, alguns deixaram se levar pela folia das bandinhas, outros brincavam curtindo a festa sexta cheia de espontaneidade conto o que de vez em quando preocupava era as flechas dos foguetes é pocados

que caíram constantemente no meio da multidão, fato que foi muito de protesto para muitos, inclusive o secretário de turismo Luciano Cunha, que disse “é contra o uso desse tipo de fogos uma festa popular”. (...) mas mesmo sem o trio, vestido de todas as maneiras, fantasiados até de paletó e gravata, e gritou freneticamente pelas ruas apreciado por outra multidão, os espectadores e que se mantinham nas calçadas (FEIRA HOJE, 1979, p. 04).

O fragmento do texto anuncia certas tensões: o Secretário de Turismo é contra os fogos, ao mesmo tempo que a própria secretaria os patrocina pra anunciar a festividade. Problematiza também os trios que entram em concorrência com as “zabumbas” das bandas de rua e polarizam esse olhar de quem vive a festa no meio das ruas e de quem observa e/ou aprecia do outro lado, nas calçadas, ou até mesmo quem fica à parte porque não coaduna com esses tipos de práticas. Porque a festa também é o lugar do conflito, da disputa de discursos e das territorialidades. Assim como as arquiteturas foram projetadas pensando um ideal de cidade, há os “arquitetos” que planejam as festividades e que são contrários às apropriações que os populares fazem desse espaço público.

No caso das festividades relacionadas aos padroeiros e padroeiras dos bairros, tão comuns em Feira de Santana, havia essa disputa por parte de setores conservadores da Igreja Católica em prol de um ideal de festa que negava o corpo e suas subjetividades, e tendia a restringir o acontecimento à liturgia católica.

Mas, assim como há uma apropriação dos espaços projetados além de seus ideários, as festas populares são o momento do incontível, e grupos culturais sempre se fizeram presentes, trazendo vivacidade e polifonias. As festas populares não são apenas um momento harmonioso e de alegria, diz Castro Junior (2014, p. 55), mas um lugar onde “as contradições sociais de um povo pobre que, mesmo em condições adversas, empreende uma outra produção material e simbólica da cultura e luta para que seus saberes e seus desejos sejam reverenciados.”

Figura 03: Mãe Socorro na Levagem da Lenha, década de 1970



Fonte: Magalhães (2009).

Na Figura 03, acima, temos a Mãe de Santo Maria do Socorro ao lado da estrutura de lenhas da fogueira em frente à Igreja Matriz, uma tradição antiga que constituía o ritual em que as filhas e mães de santos carregavam feixes de lenha na cabeça em procissão até chegarem em frente à Igreja para arrumarem as lenhas, para que, quando escurecesse, fosse acendida a fogueira. Sobre esse ato litúrgico, o jornal Folha do Norte (1980, p. 08) relata:

Já finalmente dia 29 de janeiro, será realizada a folclórica levagem da lenha ponto é um costume que sendo mantido desde os tempos remotos da devoção à padroeira de Feira de Santana. Lembra a época em que não havia iluminação elétrica e o Largo teria que ser iluminado a fogueiras por baianas centenas de baianas conduzem nesse dia, a partir das 15 horas, feixes de lenhas na cabeça sendo que ao cortejo se juntam elementos folclóricos e carroças enfeitadas.

A presença do povo de santo se fazia em diversas ritualísticas na festa da padroeira da cidade, como a levagem da lenha para a queima da fogueira e a lavagem da Igreja de Senhora Sant'Ana (Figura 04) com água de cheiro que era carregada em jarros pelas filhas de santo em procissão. Sant'Ana está relacionada com Nanã, nas proximidades das diferenças associadas pelos cultos

afros, como necessidade de perpetuação de suas práticas litúrgicas, sem cair na leitura rasa do sincretismo religioso, que de certa maneira romantiza as articulações e processos de resistência, pois as complexidades que envolvem essas práticas são muito maiores.

Figura 04: Lavagem da Igreja de Sant'Ana, na década de 1970



Fonte: Magalhães (2009).

Sobre a Lavagem da Igreja, como percebemos na fotografia acima, filhas de santo agachadas batendo paó (palmas ritualizadas em um ritmo e intenção precisas dentro do candomblé), enquanto outra, em pé, com as mesmas indumentárias, possivelmente uma mãe de santo. A intenção é trazida ao centro: jarros com as águas de cheiro e flores que eram carregados durante a procissão. Na ponta direita, um ogã tocando atabaque, provavelmente há outros na mesma função de reger os instrumentos que não saíram no recorte fotográfico. Ao redor, populares acompanham, pessoas de candomblé ou não, mas que interagem com a ritualística. É perceptível que esse rito é executado do lado de fora da Igreja, pois é possível visualizar as pilastras que dão para a entrada e a porta da Igreja fechada. Sobre a lavagem, o Jornal Folha do Norte noticia em 1980, à página 12:

Mantendo uma antiga tradição dentro da festa de Nossa Senhora Santana, será realizado hoje a lavagem da Catedral de Santana, e consta de ritual formado por baianas conduzindo água perfumada em jarros com flores que sai as ruas a partir das 15 horas.

O povo em cheio acompanha o cortejo, cantando e tocando zabumba enquanto vários elementos da cultura popular e folclórica atraem a

atenção de curiosos, como carroças enfeitadas, bumba-meu-boi, “segura a veia”.

A presença de tais manifestações, sobretudo das mulheres de candomblé a rigor, não agradava setores conservadores da sociedade e da Igreja Católica. No final de 1979, travou-se uma verdadeira batalha noticiada pelos jornais, em que o presidente da comissão organizadora da festa ameaava renunciar ao cargo, caso as baianas insistissem em participar naquele ano, alegando que a presença das baianas fere as escrituras sagradas e as famílias, e que o povo feirense “sempre soube participar de movimentos de massa, sabendo distinguir uma coisa da outra, sem promiscuir ou sem se deixar levar pelo ridículo, sobretudo em matéria de religião” (FEIRA HOJE, 1979, p. 06).

O enfrentamento foi mantido pela Mãe de Santo Maria do Socorro, uma das lideranças religiosas, que declarou que: “a rua é para todos e a nossa promessa de carregar o senhor do Bonfim, vai ser cumprida” (idem). O desfile das baianas saiu naquele ano e nos próximos, passando por diversas dificuldades e críticas, assim como todos os brinquedos e diversões propiciados pela conjuntura popular. Em 1987, a Igreja Católica dá a cartada final e muda estrategicamente a data da festividade para o mês de julho, restringindo a homenagem à padroeira apenas à liturgia católica. Essa mudança faz parte de toda política de poder racista estruturado ao longo da História do Brasil, em que os saberes provenientes das populações negras que ganhavam visibilidade na cidade deveriam ser extirpados.

Segundo Oliveira (2014, p. 94), a retirada do popular de cena foi uma estratégia da Igreja para acabar com o que considerava profanação, extinguir as intenções da SETUR em tornar a festa um elemento turístico, além de eliminar concorrentes na sua realização, “pois minimizava a crise das comissões em arrecadar donativos para montagem da festa”, não havendo concorrência com outras festividades que aconteciam no mesmo período. Infelizmente, a euforia desses festejos ficou apenas na memória e no noticiário que conta: “uma lavagem de alegria, onde o povo cantou, sambou, bebeu e viu passar o protesto contra a alta do custo de vida e situação do trabalhador” (FEIRA HOJE, 1979, p. 06).

Figura 05: Roda de capoeira na Festa de Senhora Sant'Ana na década de 1970



Fonte: Magalhães (2009).

A capoeira fez-se presente na memória de quem passou pela Festa de Sant'Ana. Na Figura 05, acima, percebemos uma roda de capoeira: dois capoeiristas no centro traquejam seus corpos no jogo, na presença de berimbaus e pandeiro, ao lado direito. A roda é circundada por inúmeros expectadores (homens, mulheres e crianças), que participam de maneira indireta do jogo, através da atração que essa prática opera na transitoriedade dos corpos, que param para observar e são seduzidos pela cultura. Esse lugar de “relacionamento com real, de extermínio dos termos finalísticos de sentido” que implica em excesso, consumação e reversibilidade (SODRÉ, 1983, p. 117).

Dessa maneira, colocar uma roda de capoeira em plena festa era um elemento irradiador de estéticas negras que revelava um emaranhado de relações políticas, culturais e sociais. Esta territorialidade captura pessoas que passam pela festa e, através da roda, coexistem na cena fotográfica, formando um cenário emblemático onde o protagonismo não está somente em quem joga capoeira, mas também no olhar atento, nas palmas, na fisionomia do rosto de cada participante. Enfim, em uma rede de sociabilidade que é tecida conforme as trocas ocorridas em cada lugar.

Figura 06: Samba na Festa de Senhora Sant'Ana, década de 1970



Fonte: Magalhães (2009).

Na Figura 06, observamos a interação de populares na festividade de Sant'Ana. Notamos a presença mais uma vez das baianas e do Grupo Folclórico Angoleiros de Feira, perceptível através da figura da burrinha montada pelo vaqueiro e do bumba-meu-boi ao centro da imagem, e os pandeiros e quebradas de corpo demonstram o samba envolto à observação dos espectadores participantes da brincadeira. Esse alvoroço acontecia na praça da Matriz, depois de todo o percurso nas ruas.

O Mestre Bigode rememora suas lembranças de menino sobre a Festa de Sant'Ana na década de 1960⁹ (quando não existia a SETUR), e a capoeira já se fazia presente nas ruas com o grupo Angoleiros de Feira, do Mestre Muritiba:

Eu lembo cuma hoje tinha a festa da Matriz, ô coisa linda naquela época, aí eu ia lá para matriz, (...) eu ficava ali mocado, tocando o lado que o Mestre Muritiba evinha com a capoeira, aí quando eu vi demorar demais, eu descia. Ali tem um lugar que tem, que é um esquina que desce, que é para chegar no Ali-Babá. Eu chegava ali, ficava espiando o mestre Muritiba, (...) evem Muritiba com berimbau na

⁹ É extremamente desafiador lidar com precisão de datas quando se trata de história oral, mas podemos fazer aproximações em relação à ideia e ao momento de vivência de cada contexto. O Mestre Bigode nasceu em 1952. Então, quando trata sobre suas memórias ainda de menino em relação às aproximações das rodas do Mestre Muritiba, é provável que sejam ainda da década de 1960.

mão, os aluno com um feixe de pau de maculelê nas costas e pandeiro (MESTRE BIGODE, 2020).

O Mestre Cabelo Bom também nos relata sobre a presença do grupo liderado pelo Mestre Muritiba:

Existia a festa da Senhora Santana, a gente levava capoeira para lá, o Mestre ia com a gente, levava gente para fazer a capoeira lá, fazia o samba de roda, o samba duro, bumba-meu-boi, a burrinha maculelê de madeira e maculelê de facão que é muito lindo. Era muito bonito a festa de Senhora Sant'Ana, foi uma grande festa de largo que existia em Feira de Santana (MESTRE CABELO BOM, 2020).

O Mestre Bigode (2020) relata que, por vezes, as apresentações de capoeira aconteciam concomitantemente, “*ele vinha com a gente para matriz [referindo-se ao Mestre Nonato] para fazer a capoeira (...), aí ele tava apresentando a capoeira dele, Muritiba tava apresentando também*”, assim como havia os trânsitos de capoeiristas que participavam das diversas rodas. As ruas vibravam o pulsar coletivo da cidade, sobretudo para aqueles que vivenciavam os ritos e festividades.

Como pontua Silva (2020, p. 269), “a festa revela uma cidade que só é possível ser vista nos dias de festejo, mas que está completamente pautada nos interesses e sentidos da sociedade que a constrói”. Os populares sempre se apropriaram dos festejos além de como ele fora projetado pelas autoridades “organizadoras”, pois, assim como os urbanistas e arquitetos atribuem uma função e sentido a seus projetos, como pontua Pesavento (2007), os usuários transformam o espaço de acordo a suas necessidades e construções simbólicas.

4 “VEM JOGAR MAIS EU, MANO MEU”¹⁰ – A CAPOEIRA NA MICARETA

O fim da festa de Sant'Ana no mês de janeiro significou uma grande perda simbólica para a população brincante e os grupos culturais que se apresentavam nas ruas da cidade. Desses espaços de fruição da capoeira e outras culturas negras, a Micareta também é um lugar de encontro, e foi nessas andanças que

¹⁰ Trecho de canto corrido de capoeira, domínio público.

Mestre Ceguinho conheceu o Mestre Muritiba. Mestre Ceguinho relata que, quando menino, no período da Micareta, vendia água na moringa. Quando encontrou a roda de capoeira, tinha pouca experiência de treino com outros mestres que haviam falecido, mas, mesmo assim, adentrou à roda:

Aí eu vi a roda de capoeira, aí eu não quis nem saber, eu entrei de vez, sem pedir a ninguém, eu entrei lá do jeito que eu tava, de short, que você podia entrar do jeito que você tivesse. Aí entrei, aquela capoeira dura, aquela capoeira que a gente não sabe nem falar como é que era o jeito dela, entendeu? Não era capoeira técnica, do jeito que saía, entrava, não tava nem aí, entendeu? Aí foi, foi, botou para jogar com todo mundo, mandou todo mundo me apertando, não deixava eu sair para lugar nenhum, só ali dentro da roda, e eu tive que segurar todo mundo (MESTRE CEGUINHO, 2020).

Depois de ser “testado” na roda, o Mestre Ceguinho foi acolhido pelo Mestre Muritiba, e passou a ser seu discípulo. O Jornal Folha do Norte faz menção sobre a presença do grupo durante a Micareta em 1975 (p. 12): “além do cordão Ali Babá e os 40 ladrões, Afoxé Tribo Costeira da Índia e o conjunto Folclórico Angoleiros de Feira (mestre Muritiba) estarão tentando levar o primeiro lugar no concurso promovido pela SETURF”.

Mestre Cabelo Bom, também discípulo do Mestre Muritiba, conta que o grupo Angoleiros de Feira era convidado pelos grupos de samba e de afoxés para aumentar o contingente das agremiações. As rodas de capoeira que aconteciam na Micareta, com ampla participação de capoeiras que por ali transitavam, atraídos pelo carnaval fora de época, teciam espaços de disputa e defesa de territorialidades nos jogos que ali aconteciam. É sabido que havia um incentivo aos grupos culturais para participarem dos festejos; entretanto, a partir da década de 1980, a SETUR passa a fomentar os trios elétricos em detrimento desses grupos populares, e isso está associado a quem são esses sujeitos que compõem as escolas: engraxates, carregadores, operários (SILVA, 2020).

Com ou sem incentivo financeiro, a capoeira se mantém presente nas ruas da Micareta durante a década de 1980, como relata também o Mestre Kel, através de registro fotográfico do Grupo São Francisco (Figura 07), liderado pelo Mestre Raimundo Nonato, em que foi possível identificar, da esquerda para a direita, a presença do Mestre Kel ao lado esquerdo do aluno formado, Roberto,

que está tocando o segundo berimbau, o Mestre Negão de Jorgina no terceiro berimbau e diversos alunos, entre adultos, adolescentes e crianças. O uniforme da cintura para baixo demarca um momento em que ainda não tinha uma camisa padronizada do grupo.

Figura 07: Capoeira na Micareta, meados da década de 1980, Feira de Santana



Fonte: Acervo pessoal do Mestre Kel.

Além da famosa Micareta, havia também os festejos juninos, cujas atrações diversas faziam parte dos festejos, contratadas pela prefeitura ou não, proporcionando divertimento e intercâmbio cultural. As rodas de capoeira aconteciam de maneira espontânea em diversos pontos da cidade, dentro e fora do calendário festivo, mas as rodas que ganharam mais visibilidade durante as festividades, sobretudo por agregarem outras práticas culturais em suas apresentações, como o samba de roda, o bumba-meu-boi, a burrinha, o segura a veia, o maculelê e a capoeira eram as do Grupo denominado como folclórico “Angoleiros de Feira”, liderado pelo saudoso Mestre Muritiba.

Essas redes de irradiação infinita propiciadas pela cultura popular afrodiáspórica nos festejos populares, com ênfase no grupo cultural liderado pelo Mestre Muritiba, permitiram o atravessamento de diversos corpos, propiciando mudança de trajetórias ao encontro da capoeira. O Mestre Muritiba não foi o

primeiro mestre de capoeira em Feira de Santana, mas foi o que teve mais notoriedade e reconhecimento em toda a cidade durante a década de 1970, a ponto de ser contratado pela Secretaria de Turismo para gestar as rodas de capoeira e outras manifestações culturais nos principais festejos da cidade.

O Mestre Muritiba faleceu em 1985, período que coincidiu com o declínio das rodas de rua, principalmente devido à redução ou mudança do caráter das festividades, como vimos com a Festa de Sant'Ana. O grupo Angoleiros de Feira manteve as atividades até meados da década de 1990, sob a liderança do Mestre Cabelo Bom e de Dona Railda, mas eram contratados com menos frequência pela prefeitura. Outros capoeiras, como Antônio Bigode, Mestre Negão de Jorgina, Mestre Ceguinho, Mestre Gago, entre outros, foram responsáveis por manter as rodas de rua, aos trancos e barrancos, dentro ou fora das festividades.

Infelizmente, Feira de Santana não conta mais com esse rico calendário festivo. Mas a capoeira ainda resiste, mesmo de maneira marginalizada, na Micareta, como também na retomada do Bando Anunciador na última década, que resgata essa presença, e se faz todos os anos com a participação de diversos mestres e grupos de capoeira. Que a rua ainda continue sendo esse território de sedução e irradiação da capoeira.

REFERÊNCIAS

CASTRO JUNIOR, Luís Vítor. **Festa e corpo**: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas. Salvador: EDUFBA, 2014.

FREITAS, Nacelice Barbosa. Urbanização e Modernização Industrial das Cidades Médias da Bahia: um olhar sobre Feira de Santana. In: (Org.) LOPES, Diva Maria e HENRIQUE, Wendel. **Cidades Médias e Pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010.

MAGALHÃES, Antônio Ferreira de. **História nas lentes**: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Antônio Magalhães. Antônio Magalhães, Aldo José Moraes Silva, Clovis Ramaiana Moraes Oliveira. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n 2, p. 73-98, 1996, p. 73-98. Disponível em:

http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf. Acesso em: 23 mar. 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da História Oral: o caso brasileiro. **Revista de História**. 155/2º, USP: São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Denise de Almeida de. **Iê, viva meu Mestre, territorialidades negras através da capoeira em Feira de Santana (1963-2000)**. Dissertação (Mestrado em História, Cultura e Poder) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Humanas e Filosóficas, 2022.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **“Batuque não é pecado”**: capoeira e outros brinquedos nas festas de largo em Feira de Santana-BA (1970-1985). In: Capoeira em múltiplos olhares: estudos e pesquisas em jogo. Editora UFRB, 2016.

OLIVEIRA, R. P. de. **Sant’Ana dos Olhos D’Água**: fé e celebração entre a igreja e o largo (1930-1987). 2014. (139 f.). Dissertação (Mestrado em História) – Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

PESAVENTO Sandra Jatahy. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. **Revista Brasileira de História**. vol. 27, nº 53, junho. 2007.

PESAVENTO Sandra Jatahy. Muito além do espaço. Por uma História Cultural do Urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995.

PORTELLI, Alessandro. Um trabalho de relação: observações sobre a história oral. Tradução de LUZ, Lila Cristina Xavier. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.7, nº13 jul-dez, 2017. p.182-195

SILVA, Miranice Moreira da. **Os Sons da Cidade**: Territorialidades e Sociabilidades nos Circuitos da Micareta de Feira de Santana (1939-1985). Tese de Doutorado. UNB. Brasília, 2020.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: forma social negro brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.